



GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA EJA: TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES AFRODESCENDENTES DE SUCESSO EDUCACIONAL

Efigênia Alves Neres¹
Ilanna Brenda Mendes Batista²
Universidade Federal do Piauí-UFPI

Ponto de Partida...

O presente trabalho compartilha resultados de uma pesquisa em andamento, realizada no âmbito do Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, intitulada: “Histórias que se cruzam na EJA: as Trajetórias de Vida de Mulheres Afrodescendentes de Sucesso Educacional”.

A pesquisa busca fazer uma análise sociológica das estratégias utilizadas por 02 mulheres afrodescendentes para alcançarem os espaços de poder e obterem o “sucesso” educacional, desejado por cada uma delas de maneira singular. Problematisa como elas experimentam e interpretam a sua trajetória de vida, a sua passagem pela Educação de Jovens e Adultos e quais as implicações disso em suas formas de organização da vida, na superação das suas dificuldades socioculturais, bem como sua

¹ Pedagoga – UFPI. Professora Substituta/UFPI/CCE/DEFE. Mestranda em Educação - Universidade Federal do Piauí-UFPI. Esp. em Gestão e Supervisão Escolar/Docência Superior- FAEME. Esp. em Psicopedagogia - Sinapses efigeniaufpi@hotmail.com

² Mestre em Educação na linha de pesquisa Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Educação pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Estadual do Piauí - NEAD-UESPI. Licenciada no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

inserção no ensino superior em uma universidade pública.

A metodologia da pesquisa compreende uma abordagem qualitativa, inspirada nas orientações de Melluci (2005), adota os conceitos das Metodologias Feministas, especificamente o Feminismo Interseccional e tem como método de investigação as Histórias de Vida, baseado nos estudos de Josso (2004).

As discussões serão feitas a partir das contribuições de autoras/es que nos ajudam a repensar as trajetórias de vida e educacionais de mulheres afrodescendentes de “sucesso”, bem como o itinerário dessas sujeitas na EJA, a citar: Boakari (2015), Carneiro (2005), Arroyo (2017), Chantler e Burns (2015), etc.

A Educação de Jovens e Adultos como uma política de ação afirmativa para Mulheres Afrodescendentes

Na atualidade ainda permeia no imaginário social a representação negativa referente à mulher afrodescendente e aos lugares ocupados pela mesma na sociedade. Esse processo resulta da histórica relação de dominação/exploração/silenciamento a que a mulher sofreu e continua sofrendo ao longo do tempo.

Há uma tentativa histórica na cultura ocidental de inculcar nos seres humanos a ideologia da “inferioridade” feminina, que se recorre frequentemente ao argumento de que as mulheres são menos inteligentes e habilidosas que os homens. Tal ideologia reforça estruturas políticas e sociais, baseadas no sistema patriarcal, que assentado em bases machistas, reduz as oportunidades de participação social das mulheres e promove a divisão sexual do trabalho.

Quando se fala das mulheres afrodescendentes e pobres essa problemática se acentua, pois a elas são utilizados inúmeros adjetivos depreciativos, piadas raciais humilhantes, assédios sexuais e tratamentos desumanos que colaboram para firmar no



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

imaginário social as representações negativas deste grupo étnico-racial e de gênero. Nesta perspectiva, Boakari (2015, p. 29) afirma que:

A mulher afrodescendente (...) continua sendo desafiada porque é mulher. Uma afrodescendente que pode se encontrar em condições economicamente desfavoráveis tem que comprovar as suas competências, capacidades, outras qualidades em todas as horas e contextos. Uma vida de testes e testagem permanentes. Vivência histórica de provações, autoavaliações, questionamentos, autoafirmação, desconfianças e autoconfiança cotidianas.

Deste modo, evidenciamos que a discriminação contra a mulher e as pessoas afrodescendentes no Brasil se apresenta como uma questão socialmente construída para beneficiar quem controla o poder econômico e político. O poder aqui é macho e branco. Assim, fica claro que as questões de gênero, raça e classe devem ser enfrentadas conjuntamente, visando a construção de uma sociedade mais justa com oportunidades iguais a homens e mulheres, brancos ou negros, ricos ou pobres.

Para tratar deste dispositivo de racialidade/biopoder que opera na sociedade brasileira, Carneiro (2005) contribui com esse debate buscando o conceito de Epistemicídio que é:

(...) para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação (...) pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Como tentativa de determinar os lugares que a mulher afrodescendente e pobre deve ocupar, evidencia-se ao longo da história do Brasil que essa realidade também se concretiza na escola, quando a educação reproduz esse sistema excludente. Um dos fatores determinantes é que o sistema educacional esteve e continua estruturado de modo a proporcionar à elite branca acesso à melhor formação possível, restando às classes populares uma escolarização precária e aligeirada, muitas das vezes pela via compensatória, como é o caso da Educação de Jovens e Adultos.

A história da EJA desde os primórdios está atrelada a relação educação e trabalho, haja vista seu caráter compensatório, pois se destina a jovens e adultos, homens e mulheres, em sua maioria trabalhadores/as afrodescendentes que não tiveram na idade própria acesso ou continuidade de estudos. Para tanto, o grande desafio colocado é que a EJA não seja apenas uma segunda oportunidade de escolarização, mas se propõe outras formas de educação que venham a dotar os educandos/as de atitudes, para que possam entender e criticar a realidade em que vivem e, em consequência, propor alternativas para sua transformação.

Aqui buscamos construir uma discussão que nos levar a perceber a EJA como uma política de ação afirmativa, entendendo que essa modalidade se constitui como um direito constituído ao longo da vida em uma perspectiva crítica, criativa e emancipadora. Sobre isso Arroyo (2017, p.37) postula que:

Cresce a consciência entre os educadores/as de que não há como construir um projeto de educação nem atuar com seus/suas docentes/educadores/as sem ter uma compreensão aprofundada, pedagógica dessas estreitas relações entre as vivências de classe, do trabalho, do espaço e a construção de autoidentidades. Uma das funções de toda a docência é trabalhar essas autoimagens pessoais e coletivas de classe, raça. Valorizar as resistências e os esforços por construir imagens positivas em outro projeto de cidade, de campo. De sociedade. Em outro projeto de escola e de EJA, que assuma as radicalidades humanas que os educandos conferem a seus itinerários pela educação, pelo direito a uma vida justa.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Dessa maneira, as políticas de ação afirmativa passam a ser entendidas como ações reparatórias e/ou preventivas, que buscam corrigir uma situação de discriminação e desigualdade infringida a certos grupos no passado, presente ou futuro. Ação afirmativa como políticas públicas e/ou programas voltados à neutralização dos efeitos da discriminação de raça, de gênero, de classe, de idade, de origem nacional, entre outras que buscam neutralizar aquilo que de acordo com o status quo sócio racial não se quer admitir, nem neutralizar, por isso mobilizam tantas polêmicas e resistências.

Por onde andaremos? Trilhando pelas Histórias de Vida e o Feminismo Interseccional

Compreendendo a multiplicidade dos fenômenos sociais e a dialogicidade que permeiam as interações entre as pessoas, optamos neste trabalho pela pesquisa de abordagem Qualitativa inspirada nas orientações de Melluci (2005), considerando que ela nos ajudará em uma maior aproximação e diálogo com as mulheres afrodescendentes, participantes desta pesquisa, que estudaram na EJA e conseguiram alcançar o “sucesso”, conquistar a cidadania por meio da educação, processo a que se denomina neste estudo de afrocidadanização, conceito forjado por Guimarães (2013).

Este conceito traz à tona questões imersas nas raízes históricas da sociedade brasileira, em que a cultura política sempre reservou aos afrodescendentes uma posição subalterna na hierarquia social. No entanto, a partir da luta pela ampliação das oportunidades de ingresso de estudantes afrodescendentes no ensino superior, a situação de subalternidade destes profissionais começa a se transformar substancialmente, apontando como condição de futuro a possibilidade do aumento da presença em posições hierárquicas e de destaque.

Este estudo percebe a pesquisa como um processo intrinsecamente político e se atenta aos princípios das Metodologias Feministas, as quais estão ligadas às histórias



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

das lutas feministas, em especial a busca da justiça social para mulheres, que está incorporada a contextos críticos e emancipatórios e pretende examinar as relações de poder na produção de conhecimento (CHANTLER e BURNS, 2015).

É sabido que existem vários feminismos, que o movimento é diverso e heterogêneo e nele existem vários modos de atuação. Neste estudo, nos centraremos na vertente do Feminismo Interseccional, que surgiu em 1989, na terceira onda do Movimento Feminista, como um termo cunhado pela professora norte-americana Kimberlé Crenshaw. Esta vertente defende que intersecções ou recortes de opressões e vivências, devem ser feitos quando se for analisar as estruturas sociais de dominação-exploração, assim como as pessoas que são atingidas (des) favorecidamente por elas.

Como forma de conhecer as participantes da pesquisa, será utilizado o Método da História de Vida, que emprega as narrativas das vivências das participantes para levá-las a um processo de transformação. Sobre este método Josso (2004) afirma que esta transformação que se inscreve na História de vida, como projeto de conhecimento e de formação, acontece quando a pessoa toma consciência de si mesmo, encarando sua trajetória de vida, os objetivos, as experiências formadoras, os grupos de convívio, os encontros e desencontros e assim, por meio dessa conscientização ela vai criando e entendendo os sentidos e significados da sua vida.

Na produção dos dados da investigação, serão utilizados as Entrevistas de Histórias de Vida, com 02 mulheres afrodescendentes. A opção por esse instrumento se deve ao fato de que esta técnica apresenta como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou.

Para analisar os dados, optou-se por uma análise descritiva, analítica e interpretativa do discurso, visando entender como o poder e a ideologia operam por meio de sistemas de discurso e também ao pensamento de Poirier, Clapier-Valladon e



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Raybaut (1999). A Análise do Discurso da Entrevista de História de Vida terá por objetivo explicitar as informações e significados pertinentes nela contidos, focalizando as histórias das mulheres afrodescendentes e entendendo por que razões elas estão sendo contadas desse maneira, naquele momento.

Itinerários na EJA de Mulheres Afrodescendentes de Sucesso Educacional

Contar nossas próprias histórias e falar sobre o “sucesso” de mulheres afrodescendentes se faz extremamente importante, porque esse é um lugar que não costuma ser dado gratuitamente para as mulheres. A gente teve e ainda tem que insistir para mostrar que nossas experiências, histórias e narrativas têm valor. Há ainda resquícios de um certo pré-conceito ou desprezo machista da sociedade, no sentido de achar que o conteúdo e histórias de mulheres, ainda que sejam histórias reais, têm algo de mais frágil, mais suave, naquele estereótipo de “mulher sensível”.

Neste estudo a ideia não é somente ressaltar histórias de mulheres que se destacaram por lutar pelos direitos da mulher de alguma forma, pelo direito ao estudo ou simplesmente pelo direito de ser e falar o que quiser, sem a condenação por isso, por uma questão de gênero, raça ou classe. A ideia também é

(...) focalizar a questão da mulher afrodescendente de êxito social onde o “sucesso é visto de outra maneira... explicado através da realização das/os outras/os, como satisfação em ver a/o outra/o feliz por causa das suas contribuições. Sucesso como possibilidade de fazer o que considera correto/relevante para efetivar mudanças positivas na vida de outras pessoas. (...) São mulheres desconhecidas porque o que fazem também não recebe da sociedade, o valor que merece. Entretanto, para o grupo dos historicamente excluídos e sistematicamente marginalizados, estas mulheres falam uma língua inestimável porque continuam a tradição de seus antepassados que viviam por causa de outras pessoas, vidas dedicadas aos outros a fim de



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V.2, N.1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

ajudar na humanização da comunidade para contribuir na *hominização do mundo*. (BOAKARI, 2015, p.33-34)

Dessa forma, a constituição das mulheres afrodescendentes como sujeitas de direito está diretamente vinculada à emergência de sua emancipação, processo no qual a organização coletiva, as/os pesquisadora/es, a família, ocupam papel fundamental. Portanto, a sua saída da EJA e a passagem pela universidade, além de ampliar o capital cultural, oferecendo melhores oportunidades de ingresso na esfera do trabalho, amplia também o capital social, abrindo avenidas de mobilidade que normalmente estariam fechadas para a população afrodescendentes.

De tal modo, apesar de toda a situação social e educacional que as mulheres afrodescendentes estão inseridas, há que se celebrar alguns avanços. Esses avanços são resultado de uma cobrança da população, em especial dos movimentos sociais, por políticas públicas que garantam a todas oportunidades e tratamento igual.

Dessa maneira, acreditamos que o acesso à educação para a mulher afrodescendente contribui não somente para uma mobilidade social vertical ascendente, ou seja, a conquista de grau acadêmico, mas permite que haja mobilidade no sentido horizontal, que é o compartilhamento de informações entre grupos sociais distintos.

Palavras-chaves: Mulheres Afrodescendentes. Sucesso. EJA.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da Noite do Trabalho para a EJA:** Itinerários pelo Direito a uma Vida Justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CHANTLER Khatidja. BURNS, Diane. Metodologias Feministas. In.: BRIDGET, Somekh. LEWIN, Cathy (org.). **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 111-120.



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V.2, N.1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

BOAKARI, Francis Musa. Mulheres Afrodescendentes de Sucesso: o discurso do fazer, fazendo diferenças. In _____: **Educação, Gênero e Afrodescendência**: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social. Curitiba, PR:CRV, 2015. p. 21-44.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como não-ser como fundamento do ser**. FEUSP, 2005. (Tese de Doutorado). Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2019.

GUIMARÃES, R.S. **Afrocidadanização**: ações afirmativas e trajetórias de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo; Selo Negro, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: EDUCA, 2004.

MELUCCI, Albert. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura (M. do C. A. do Bomfim, Trad.). Petrópolis: Vozes, 2005.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de vida**: teoria e prática. Lisboa: Celta, 1999.